

PALIMPSESTOS METAFÓRICOS COMO INSTRUMENTO DE ANÁLISE DE TRADUÇÃO

Edson José Martins Lopes
Tradutor

Introdução

Como é sabido, palimpsestos são meios de escrita antigos que eram ou foram usados mais de uma vez devido à escassez de meios e que, invariavelmente, deixavam vestígios do(s) texto(s) ineficientemente apagados. Esta é uma constatação familiar para os estudiosos de textos muito antigos datados das eras que precederam a criação de materiais mais apropriados ou mais abundantes para a escrita

Em sua forma física tradicional, os palimpsestos costumavam não apresentar grande valor, seja pela incompletude dos traços deixados, seja pela falta de valor cultural ou histórico, julgamento esse feito, infelizmente, de acordo com a opinião do novo usuário. Ou seja, documentos eram apagados para que o meio da escrita fosse reutilizado, fato que pressupunha sua inutilidade para o usuário. Sem dúvida, pode-se supor também que muitos documentos que poderiam vir a ser valiosos tenham se perdido dessa maneira.

Para os estudos da tradução, todavia, não só os palimpsestos físicos têm valor, mas aqueles cujo apagamento seja apenas metafórico também apresentam fatores de análise interessantes.

No caso em discussão neste artigo, a idéia do palimpsesto metafórico é muito importante, como o leitor perceberá. O Livro

de Mórmon, o objeto da análise, pode ser um exemplo de palimpsesto no qual o texto original tenha sido eficientemente apagado (por não estar disponível); porém, se as marcas lingüísticas deixadas na tradução forem tais que nos permitam identificá-las como de origem semita, conforme o próprio livro alega, teremos um bom exemplo de preservação de estruturas lingüísticas através de uma tradução literal, estruturas essas que deveriam ser percebidas no texto superposto. O estudo da tradução pode revelar, em casos como esse, através dessas estruturas que persistem como pano de fundo da tradução, um pouco do texto “original”.

Mas o texto surpreendentemente nos leva além das marcas eminentemente lingüísticas, atingindo os aspectos menos passíveis de simples imitação, como a retórica e a poética. As críticas de Mark Twain aqui analisadas, embora intencionadas a outros objetivos, dirigem o foco exatamente para os aspectos mais contrastantes entre a retórica ocidental e a retórica semita, sem que o crítico se dê conta disso.

Trata-se, portanto, de uma análise reversa. Primeiro, tomamos conhecimento das formas de expressão na suposta língua de origem e depois analisamos o texto traduzido para verificar se ele se encaixa em alguns dos padrões. Seria essa, então, uma técnica de ratificação de autenticidade ou de aumento de certeza de origem através das ferramentas da tradução. Essa hipótese, ou seja, a da técnica ser viável, será testada ao longo deste estudo.

Seria ingenuidade esperar precisão literal nas narrativas humorísticas de Mark Twain tanto quanto seria usar os romances da *Leatherstocking Series*, de James Fennimore Cooper como guia de localização das trilhas usadas pelos antigos colonos e pioneiros da América do Norte. Twain, seguindo a tradição do humor típico da fronteira americana, fazia uso contínuo das hipérboles para a criação de suas histórias. O exagero, ou o que Huckeberry Finn, famoso personagem de Twain, chamava de “esticar” a verdade, é parte integrante do método desse autor. Isso tanto é verdade, que a maioria das histórias é do tipo “*tall tale*” (contos exagerados), nas

quais a ficção frequentemente se mescla à verdade, chegando a apropriar-se dela. Para um humorista da veia de Twain, a realidade estava ali para ser mexida e remexida a fim de se obter o efeito cômico. Agora, quando uma realidade era em si mesma incomum e evada de distorções e mistificações criadas por preconceitos e idéias errôneas – como era a história dos Mórmons – essa realidade era particularmente adequada para o humor calcado no exagero. Dessa maneira, Twain parece ter encontrado nas tradições e instituições das minorias uma fonte inesgotável de humor¹.

Neste estudo, entretanto, não quero voltar a um tópico que tem recebido atenção de alguns estudiosos mas que tem outro enfoque: a avaliação da eficácia dos escritos satíricos de Twain e a determinação do grau de distorção dos fatos e eventos reais. Minha intenção é demonstrar que existe uma boa razão para que a linguagem de *O Livro de Mórmon* seja como é, uma razão que Twain não conseguia enxergar devido a suas intenções e obviamente devido a uma leitura superficial do mesmo. Além disso, hoje, mais de 150 anos depois de Twain, temos novas informações que não estavam disponíveis naquela época, embora fosse improvável que fossem interessantes para ele, caso as tivesse ao alcance.

De fato, Twain criticava o estilo no qual a versão inglesa fora publicada e chamou o livro de “clorofórmio impresso”. Porém, se levarmos a sério a possibilidade de o livro ter sido originalmente escrito por uma civilização oriental antiga como se alega, esse estilo ganha novo sentido, conforme fica patente nos exemplos a seguir. Um dos escritores do livro declara que estava escrevendo “na língua dos egípcios”². Se essa língua é o árabe ou uma outra língua semita correlata, seria plausível supor que vestígios mal apagados dessa origem poderiam ser encontrados no texto traduzido, desde que a tradução tenha sido, pelo menos em alguns pontos, mais literal. Essa literalidade tem sido justamente o ponto indicado por alguns estudiosos para explicar alguns recursos retórico-poéticos orientais encontrados no livro em inglês³. Na maioria dos exemplos, a equivalência literal se dá também na tradução portuguesa.

Enquanto pensava nessas relações textuais, eu lamentava não ter conhecimento das línguas tidas como originais para buscar nelas essas referências. Foi nessa ocasião que encontrei o artigo denominado “*Presentation as Proof: The Language of Arabic Rhetoric.*”⁴, que me possibilitou ter um vislumbre da retórica semita usada na comparação sem ter de aprofundar-me no estudo daqueles idiomas. A leitura foi deveras educativa e me fez pensar nas comparações de textos do Livro de Mórmon feitas hoje por especialistas modernos com aquelas que Mark Twain tinha deixado. Na realidade, a argumentação pesava enormemente contra a opinião de Twain, que parecia ter-se baseado em conceitos errôneos e em preconceitos.

Um exemplo inicial interessante dessa desinformação de Twain sobre o contraste lingüístico em questão⁵ aparece no Capítulo XVI de *Roughing It*, onde Twain diz que a chamada “Bíblia Mórmon” era um “tedioso plágio do Novo Testamento” e que seu código moral havia sido “roubado” do Novo Testamento “sem o reconhecimento de autoria”. Sem fazer maiores comentários sobre o conteúdo, que é bem diferente daquele do Novo Testamento, vemos que, de acordo com Koch, essa suposta falha de reconhecimento de autoria é, na realidade, a regra geral em Árabe, como de resto em toda a literatura semita. Eis o que ela diz:

As duas orações entre aspas (referindo-se a um texto escrito por Antun Sa’ada, escritor árabe) provavelmente não são citações diretas; esse autor, como muitos outros, tende a usar a pontuação de acordo com regras bem flexíveis, sem notas de pé de página e sem reconhecimento de fontes.⁶ [Tradução minha, como em todas as demais citações]

Como escritor de sucesso na tradição ocidental, Mark Twain não somente conhecia as convenções da boa escrita de nossa civilização, mas também era capaz de usá-las com habilidade, fazendo uso de recursos vários, entre os quais a ironia, esta com

veneno certo que poderia liquidar o prestígio de muitos escritores. Dentro desse escopo, Twain tentou fazer isso com outro consagrado escritor norte-americano de era predecessora à sua, em “Fenimore Cooper’s Literary Offenses”⁷. Entretanto, também nesse caso, alguns estudiosos sentem que Twain foi injusto, porque desconsiderou as convenções literárias que estavam em voga durante a vida de Cooper. Na mesma veia satírica e irônica, Twain fala assim do Livro de Mórmon:

O autor lutou para dar às palavras e frases a sonoridade e a estrutura distantes e antigas da tradução do Rei Jaime das Escrituras; e o resultado é uma mistura – metade de palavrório moderno e metade de seriedade e gravidade arcaicas. Esta última é desajeitada e limitada; a outra natural, mas grotesca no contraste. Sempre que ele achava que seu texto estava se modernizando em excesso – o que acontecia a cada uma ou duas frases – ele enfiava ali algumas expressões escriturísticas, tais como “excessivamente doloroso”, “E aconteceu que”, etc. e tornava as coisas aceitáveis de novo. “E aconteceu que” era a sua expressão favorita. Se ela tivesse ficado de fora, sua Bíblia teria se reduzido a apenas um panfleto.”⁸

A tradução inglesa do Livro de Mórmon foi realmente feita com base no idioma religioso da América do Século XIX que era profundamente influenciado e moldado pelo estilo da mais famosa e mais difundida tradução inglesa da Bíblia: A Versão do Rei Jaime. O uso dessa linguagem na tradução, não era, de maneira alguma, incomum. Por exemplo, no prefácio de *Book of Mórmon Critical Text*⁹, os editores afirmam:

Textos sagrados de todos os cantos do mundo têm sido traduzidos há muito tempo utilizando-se a forma altamente arcaica e respeitosa que nos faz lembrar a Bíblia do Rei Jaime. Aparentemente era correto e adequado a qualquer pessoa que tais textos antigos como o Livro dos Mortos, dos Egípcios

(conforme traduzido por E. A W. Budge) ou a *Pseudoepigrapha* do Velho Testamento (conforme traduzida por R.H. Charles), por exemplo, recebessem as características e ambientação das escrituras sagradas.

E Montague Rhodes, da Universidade de Cambridge, diz: “Ao traduzir meus textos, utilizei um estilo destinado a lembrar o leitor da Versão Autorizada da Bíblia.”¹⁰ Parece claro, portanto, que a escolha do estilo para a tradução inglesa do Livro de Mórmon foi adequada, ainda que seja possível considerar que tal decisão possa não ter sido conscientemente tomada pelo tradutor, Joseph Smith. Ele era, todavia, como muitos membros da sociedade oitocentista americana, tão versado na linguagem da Bíblia do Rei Jaime que teria sido praticamente impossível para ele articular história e doutrina religiosas em qualquer outro tipo de linguagem.

Estudiosos das literaturas orientais, por outro lado, nos lembram que expressões repetitivas como “E aconteceu...”, (a “favorita” do tradutor, segundo Twain), são comuns nos textos históricos egípcios, nos quais quase cada fala é introduzida pela supérflua expressão “Abro minha boca...”. “A constante repetição ‘Khpr-n’, ‘E aconteceu que...’ é utilizada para dar unidade aos textos dramáticos.”¹¹ Uma conclusão lógica a que se pode chegar então após essas observações é que a tradução inglesa parece ter sido muito calcada no texto “original”, o que a caracterizaria como tradução literal. O leitor verá ao longo deste estudo que esta hipótese se reforça a cada exemplo.

Apesar do grande número de ocorrências dessas expressões nas edições inglesa e brasileira, dizer que sem elas o livro “não seria mais que um folheto” é outro exagero humorístico de Twain. Temos de concordar, todavia, que o livro tem, além dessas frases feitas, um grande número de repetições, o que poderia levar o leitor casual a concordar com Twain de que o livro é tedioso e soporífero. Essa seria uma conclusão apressada que pode ser considerada errônea ao conhecermos mais sobre as características literárias semitas.

Em seguida, veremos algumas ilustrações de repetições e de seus propósitos, sempre procurando trabalhar de acordo com a taxonomia de Koch. Esses exemplos, o leitor observará, cobre vários níveis estruturais – do morfológico ao discursivo. É ainda conveniente alertar o leitor que todos os exemplos a seguir são tirados de textos árabes escritos na linguagem padrão moderna e no dialeto literário contemporâneo. Os autores são amplamente conhecidos como lúcidos e persuasivos em suas respectivas comunidades, de acordo com o que afirma Koch. (p. 49).

Nos Níveis Morfológico e Sintático

Uma característica comum no árabe é a repetição do radical morfológico na mesma oração, o que poderia ser denominado de eco ou reverberação, algo totalmente inadequado nesse nível nas línguas ocidentais.

Transliteração do árabe	Tradução literal
mimmã yadullu dalâlatan qâti'atan' 'anna-hu...	uma coisa que <u>indica</u> uma alã <u>indicação</u> decisiva
li-'anna al-'ahdâqa al-siyâsiyyata... hadaqa...	Porque as <u>ocorrências</u> políticas ... <u>ocorreram</u>

No primeiro exemplo, o verbo é modificado por uma expressão composta do seu substantivo de radical idêntico ao do verbo mais um adjetivo. No segundo, o sujeito da oração e o verbo têm o mesmo radical. No Livro de Mórmon há vários exemplos dessa redundância, o que parece refletir, repito, o caráter literal da tradução. Faz-se necessário aqui exemplificar com as versões inglesa e brasileira, uma vez que o tradutor da última, no primeiro exemplo, optou pela modificação adequada ao idioma de chegada,

i.e., utilizando na segunda ocorrência um sinônimo a fim de evitar o eco desagradável. Podemos sugerir, então, com segurança, que nem sempre uma tradução literal é totalmente inapropriada, especialmente se o objetivo for demonstrar a estrutura da língua de partida. Observe-se ainda que, como o próprio título deste trabalho sugere, não existe atualmente o “original” em língua semita. Aliás, a hipótese de trabalho pressupõe o seu apagamento. A versão inglesa e a portuguesa, entretanto, estão amplamente disponíveis^{1 2}.

Versão inglesa	Versão brasileira
...whosoever should believe that Christ should come the same might receive remission of his sins and <u>rejoice</u> with exceeding <u>joy</u>todo aquele que acreditar na vinda de Cristo receba a remissão de seus pecados e <u>regozije-se</u> com grande <u>alegria</u> , Mosíás 3: 13
Behold, I have <u>dreamed</u> a <u>dream</u> ...	Eis que <u>sonhei</u> um <u>sonho</u> . 1 Néfi 8: 2

A repetição tem no árabe e, tanto quanto parece em outros idiomas semitas, funções importantes e diferentes daquelas que lhe cabem nos idiomas ocidentais. De forma geral, as regras para se escrever bem em português, por exemplo, recomendam parcimônia no uso de ecos, redundâncias e repetições. O árabe totalmente despreza tal norma e, na realidade, até a convida com frequência.

Nos Níveis Discursivo e Retórico

No nível discursivo os exemplos tendem a tornar-se mais interessantes e menos óbvios em suas repetições. Entretanto, as redundâncias ainda permanecem, só que agora mais diluídas. Na

classificação de Koch, outra repetição interessante é a que ela denomina de “paráfrase reversa”. Nesse recurso, o escritor apresenta o mesmo evento, argumento ou ação sob dois pontos de vista opostos. Koch declara ainda que este é um dos mecanismos mais básicos na apresentação de uma tese ou argumentação, ocorrendo até nas discussões mais simples e despojadas. Nesse recurso, o autor apresenta o argumento de outro escritor, para em seguida demoli-lo¹³, algo que não é incomum em português. A diferença aparentemente está na frequência de seu uso nos idiomas semitas. O que é mais surpreendente nessa pródiga repetição é que os meios de escrita eram muito escassos, exigindo um esforço grande do registrador para obtê-los e para grafar sobre eles, fatos que deveriam levá-lo a simplificar a escrita. Todavia, a herança literária era muito forte. O exemplo deste recurso é, por sua própria natureza, mais longo e encontra-se em anexo no final deste artigo (p. 8).

A primeira parte do texto, como pode ser verificado, é uma seqüência de declarações contrárias ao que o autor aceitava. Depois temos uma transição curta até iniciar a antítese propriamente dita. Koch analisa assim essa característica da retórica semita:

Vimos tanto a repetição de forma quanto a de contexto. A repetição é coesiva, rítmica e retórica. A persuasão é o resultado tanto ou mais do número de vezes em que uma idéia é expressa, das formas equilibradas e elaboradas nas quais ela é apresentada, do que de sua organização silogística, ou lógica. O discurso é altamente paratático e polissindético; as idéias fluem umas para dentro das outras horizontalmente¹⁴.

É importante frisar que a característica mais saliente demonstrada até aqui nos textos semitas é a repetição. Contrariamente ao que é aceito no ocidente, não é a lógica da apresentação ou a clareza do ponto de vista que é usado com a intenção de levar o interlocutor à concordância ou aceitação, mas sim a repetição das idéias. Isso abre um precedente importante

para entendermos que a retórica é tanto cultural quanto lingüística e que para entendermos os escritos de certos povos, especialmente dos mais distanciados culturalmente de nós, precisamos estar abertos a formas de expressão muito diversas.

No Nível Poético

Usarei um exemplo mais próximo e mais conhecido para ilustrar a diferenciação no aspecto poético. Hoje é muito conhecido que os anglo-saxões, teutos que vieram da Europa setentrional e se estabeleceram nas Ilhas Britânicas, tinham uma preferência poética bem diversa da nossa. À primeira vista, sua poesia era desprovida de rima. Porém, um estudo mais detalhado mostrou que eles utilizavam a rima com propósitos práticos, como por exemplo, para ajudar a memorização, uma vez que sua literatura era eminentemente oral. Mas essa rima era o oposto da nossa, se pudermos dizer assim. Enquanto em nossa língua, como na maioria das línguas ocidentais, temos preferência pelo pé métrico (a rima no final da palavra), os anglo-saxões faziam uso da cabeça métrica, ou seja, a rima era no início da palavra. Esse é um recurso poético hoje utilizado também nas línguas ocidentais, mas não é tão comum quanto o pé métrico. Nós o encontramos, por exemplo, no conhecido verso de Cruz e Souza:

Vozes veladas, veludasas vozes, vozes de violões.

Características poéticas, diferentemente das lingüísticas, tendem a ser menos comumente compartilhadas e são, em geral, intencionais. Ou seja, em geral ninguém faz poesia sem intenção. Talvez alguns poetas natos julguem essa expressão exagerada, o que me levaria a reconsiderar e dizer que ninguém faz poesia sem inspiração, o que exige uma disposição mental definida. Algumas

estruturas poéticas são elaboradas e não aparecem nos textos por acaso. Esse é o caso de um recurso poético semita denominado Quiasmo. Outras culturas, como a secular cultura semita (hebraica e árabe) também têm suas formas literárias específicas. Um bom exemplo de forma poética semita é o QUIASMO. O nome vem da letra grega X (ki) e foi dado porque representa uma forma poética em que os elementos ficam simetricamente opostos entre si, como se formassem duas partes idênticas e invertidas, como um V sobre um espelho, que formaria então um X. Por que não um X direto? Porque a metáfora do nome está justamente na coincidência de que o poema tem duas partes idênticas e inversas.

X

Exemplo de um Quiasmo na Bíblia

A própria dificuldade de se encontrar quiasmos perfeitos na Bíblia é uma comprovação de que a literalidade da tradução pode preservar aspectos poéticos desconhecidos à primeira vista. Ou seja, a Bíblia que hoje temos em português ou inglês passou por traduções e adaptações textuais diversas, o que pode ter alterado essas formas. De fato, isso ocorreu. Vejamos, por exemplo, um quiasmo meio alquebrado, que se encontra em Mateus 6: 26-31:

A - Olhai para as aves do céu, que nem semeiam nem segam, nem ajuntam em celeiros; e vosso Pai Celestial as alimenta. Não tendes vós muito mais valor do que elas?

B - E qual de vós poderá com todos os seus cuidados, acrescentar um côvado à sua estatura?

C - E quanto ao vestido, por que andais solícitos? Olhai os lírios do campo, como eles crescem: não trabalham nem fiam;

C - E eu vos digo que nem mesmo Salomão, em toda a sua glória, vestiu-se como qualquer deles.

B - Pois se Deus assim veste a erva do campo, que hoje existe e amanhã é lançada no forno, não vos vestirá muito mais a vós, homens de pequena fé?

A - Não andeis, pois, inquietos, dizendo: Que comeremos ou que beberemos ou com que nos vestiremos?

No exemplo acima, percebemos a coincidência do TEMA das frases (AA, BB e CC), mas não encontramos uma correlação muito perfeita das palavras. Observe as seguintes prováveis alterações:

- O conteúdo foi ligeiramente mudado
- Percebe-se ainda que o conteúdo semântico foi mantido, mas a equivalência perfeita entre versos já não existe.
- Provavelmente, muitas traduções e revisões tornaram o texto mais apertuguesado, mas a forma poética se perdeu.

Uma verificação da existência de um quiasmo mais perfeito nos originais gregos ou sânscritos poderia esclarecer a questão, mas tal empreendimento escapa o escopo deste trabalho. Por outro lado, a existência de um quiasmo perfeito no texto do Livro de Mórmon é uma das evidências mais fortes da origem semita do livro. Vejamos um exemplo. Mosías 6: 10-12 é um bom exemplo dessa forma:

- A - E acontecerá que aquele que não tomar sobre si o nome de Cristo
- B - deverá ser chamado por outro nome;
- C - portanto, esse se encontrará à mão esquerda de Deus.
- D - E quisera que também lembrásseis que este é o nome
- E - que nunca será apagado
- F - a menos que o fosse pela transgressão
- F - portanto, tomai cuidado para não transgredir,
- E - a fim de que o nome não se apague de vossos corações.
- D - Eu quisera que vos lembrásseis do nome
- C - para não serdes encontrados à mão esquerda de Deus
- B - mas que pudésseis ouvir e conhecer a voz pela qual sereis chamados
- A - e também o nome pelo qual Ele vos chamará.

Sem dúvida, a criação de um poema quiástico como esse é um empreendimento de porte e que exige muita habilidade e determinação, o que implica na impossibilidade prática de o texto ter essa forma por simples coincidência.

Conclusão

Propus, no início deste artigo, a verificação da importância dos palimpsestos físicos e metafóricos para a verificação da qualidade de uma tradução e do uso das ferramentas da tradução para determinação de origem e autenticidade de um texto apagado no original e do qual temos apenas a tradução. Neste ponto, os exemplos fornecidos e os argumentos devem ter-nos deixado convencidos de que vale à pena, do ponto de vista dos estudos da tradução, examinar as marcas deixadas no palimpsesto “original” para uma comparação do texto de chegada com o suposto texto de partida.

Além disso, deve ter ficado demonstrado que no caso de apagamentos eficientes de palimpsestos, situação em que nada seria

deixado como *meio de comparação*, um exame de elementos lingüísticos, especificamente morfológicos, sintáticos, discursivos e retóricos, poderia nos levar a uma razoável certeza do conteúdo perdido. Seria esse um trabalho de arqueologia textual, trabalhoso, mas muito instrutivo.

Notas

1. Veja, por exemplo, "The Gentle Blasphemer: Mark Twain, Holy Scripture, and The Book of Mormon", *BYU Studies II*, Provo: Brigham Young University, 1971
2. No Livro de Mórmon, I Néfi 1: 2.
3. Veja, por exemplo, *Since Cumorah* (Hugh Nibley, Salt Lake City: Deseret Book Company, 1970, pp. 155-92, além de "Chiasmus in the Book of Mormon", (John Welch, ed. *Chiasmus in Antiquity*, Hildesheim: Gersterberg Verlag, 1981, pp. 198-210).
4. Barbara J. Koch, "Presentation as Proof: The Language of Arabic Rhetoric", *Anthropological Linguistics* 25, No. 1, 1983.
5. Embora a falha não possa ser creditada somente a ele, pois o desconhecimento das culturas orientais e, conseqüentemente de suas línguas, no Século XIX, era a tônica.
6. The two clauses in quotation marks [referring to a text written by Antun Sa'ada, an Arab writer] are probably not direct quotations; this author, like many, tends to use punctuation according to very flexible rules, and there are no footnotes or other attributions. (Koch, op. cit. 52)

7. Mark Twain, “Fennimore Cooper’s Literary Offenses”, in Harrison T. Meserole, ed., *American Literature: Tradition and Innovation*. Lexington, MA: D.C. Heath Company, 1969.

8. The author labored to give his words and phrases the quaint, old-fashioned sound and structure of our King James’s translation of the Scriptures; and the result is a mongrel – half modern glibness, and half ancient simplicity and gravity. The latter is awkward and constrained; the former natural, but grotesque by the contrast. Whenever he found his speech growing too modern – which was about every sentence or two – he ladled in a few Scriptural phrases as “exceeding sore”, “and it came to pass”, etc., and made things satisfactory again. “And it came to pass” was his pet. If he had left that out, his Bible would have been only a pamphlet. (Mark Twain, *Roughing It* (New York: Harper & Brothers, 1959), 110-1.)

9. Translations of sacred texts from every corner of the world have long been rendered in a highly archaic and respectful mode, reminiscent of the King James Bible. It has apparently seemed right and proper to nearly everyone that such arcane texts as the Egyptian Book of the Dead (as translated by E A W Budge) or the Pseudepigrapha of the Old Testament (as translated and edited by R.H.Charles), for example, should be given the character and ambience of holy scripture. (Book of Mormon Crititcal Text III (Provo: Foundation for Ancient Research and Mormon Studies [FARMS], 1987), III.)

10. “In translating my texts I have employed a style meant to remind the reader of the Authorized Version of the Bible.” *Ibidem*.

11. Hugh Nibley, *Op. Cit.*, 169.

12. Podem ser obtidas gratuitamente pelo telefone 0800-7707381.

13. Koch, *Op. Cit.*, 51.

14. Koch, *Op. Cit.*, 53.

Opiniões e sugestões serão bem recebidas pelo autor em emlopes@uol.com.br

ANEXO

Exemplo mencionado na pág. 5.

5. E negam o poder de Deus, o Santo de Israel, e dizem ao povo: Escutai-nos e ouvi os nossos preceitos, pois eis que hoje não há Deus, porque o Senhor e Redentor acabou a sua obra e deu o seu poder aos homens.

6. Escutai pois os meus preceitos; se disserem que há um milagre feito pela mão do Senhor, não acrediteis, porque hoje não é ele um Deus de milagres; ele terminou sua obra. Sim, e haverá muitos que dirão: Comei, bebei e alegrai-vos, porque amanhã morreremos; e tudo nos irá bem.

7. E muitos também dirão: Comei, bebei e divertir-vos; não obstante, temei a Deus – ele justificará a prática de pequenos pecados; sim, menti um pouco, aproveitai-vos de alguém por causa de suas palavras; abri uma cova para o vosso vizinho; não há mal nisso. E fazei todas estas coisas, porque amanhã morreremos; e se acontecer de sermos culpados, Deus nos castigará com uns poucos açoites e, ao fim, seremos salvos no reino de Deus.

8. E muitos também dirão: Comei, bebei e diverti-vos; não obstante, temei a Deus – ele justificará a prática de pequenos pecados; sim, menti um pouco, aproveitai-vos de alguém por causa de suas palavras, abri uma cova para o vosso vizinho; não há mal nisso. E fazei todas estas coisas, porque amanhã morreremos; e se acontecer de sermos culpados, Deus nos castigará com uns poucos açoites e, ao fim, seremos salvos no reino de Deus.

9. Sim, e haverá muitos que ensinarão desta maneira doutrinas falsas, vãs e tolas; e encherão o coração de orgulho e procurarão esconder profundamente do Senhor os seus desígnios secretos; e farão as suas obras às escuras.

O verso nove é uma espécie de ponto de transição, uma conclusão do que foi dito anteriormente. Os versos 10 a 14 parecem ser uma condenação geral aos autores do que foi dito, somente começando a réplica propriamente dita no verso 15.

10. E o sangue dos justos clamará contra eles; desde a terra.

11. Sim, todos saíram do caminho; eles corromperam-se.

12. Por causa do orgulho e por causa dos falsos mestres e falsas doutrinas, suas igrejas corromperam-se e suas igrejas exaltaram-se; porque estão inchados de orgulho.

13. Roubam os pobres por causa de suas ricas vestimentas; e perseguem os mansos e os de coração contrito, porque estão inchados de orgulho.

14. Têm a cerviz dura e a cabeça levantada; sim, e por causa de seu orgulho e iniquidades e abominações e libertinagens, desviaram-se todos, exceto alguns poucos, que são os humildes seguidores de Cristo; não obstante, são guiados de tal maneira que erram em muitas coisas, porque são ensinados pelos preceitos dos homens.

15. Oh! Os sábios e os instruídos e os ricos, que se incham de orgulho; e todos os que pregam falsas doutrinas e todos os que cometem libertinagens e pervertem o caminho reto do Senhor! Ai, ai, ai deles, diz o Senhor Deus Todo-Poderoso, porque serão lançados no inferno!

16. Ai dos que afastam de si os justos, sem motivo; e injuriam o que é bom, dizendo que não tem valor! Porque chegará o dia em que o Senhor Deus visitará rapidamente os habitantes da Terra; e nesse dia, os que estiverem completamente amadurecidos na iniquidade perecerão.

17. Mas eis que se os habitantes da Terra se arrependerem de suas iniquidades e abominações, não serão destruídos, diz o Senhor dos Exércitos.